



**COMPULSÃO À REPETIÇÃO NAS ESCOLHAS CONJUGAIS:
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Larissa Gonzatti

Caxias do Sul, 2022.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**COMPULSÃO À REPETIÇÃO NAS ESCOLHAS CONJUGAIS:
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a supervisão da Professora Dra. Tânia Maria Cemin.

Larissa Gonzatti

Caxias do Sul, 2022.

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	9
REVISÃO DE LITERATURA	10
Compulsão à Repetição	10
Escolha Conjugal	14
Violência Doméstica	18
METODOLOGIA	23
Delineamento	23
Fonte	23
Instrumentos	24
Procedimentos	24
Referencial de Análise	25
RESULTADOS	26
DISCUSSÃO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias de análise e recortes do artefato cultural	32
---	----

RESUMO

A compulsão à repetição, presente na obra de Freud desde 1914, pode ser entendida como uma expressão da pulsão de morte, que, após uma falha de inscrição e de tradução de certas forças pulsionais, estas ficam soltas pelo psiquismo e passam a se repetir na tentativa de simbolizar esta carga energética. Já a escolha conjugal pode ser analisada como parte do ciclo familiar. Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral identificar as possíveis contribuições do conceito da compulsão à repetição nas escolhas amorosas em situações de violência doméstica. Possui, também, como objetivos específicos: apresentar aspectos fundamentais sobre o conceito de compulsão à repetição, segundo Freud; conceitualizar acerca da escolha conjugal, na perspectiva psicanalítica; e caracterizar a violência doméstica. Na revisão de literatura, os temas de compulsão à repetição, escolha conjugal e violência doméstica são abordados. O método empregado foi o delineamento qualitativo, de caráter exploratório, descritivo e interpretativo, e, como fonte, utilizou-se o filme *Marcas do Silêncio*. Para tanto, foram selecionadas cenas do artefato cultural, que foram organizadas em tabela e descritas em três categorias: Compulsão à Repetição, Dependência e Violência Doméstica. Para a exploração e discussão do artefato entrelaçado a aspectos teóricos, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Laville e Dionne, na qual as categorias foram definidas *a posteriori*, por meio do modelo aberto. Os dados analisados apontaram que a compulsão à repetição, proveniente de situações não simbolizadas pelo sujeito, pode influenciar diretamente a escolha do parceiro amoroso e estarem relacionadas a vivências de violência doméstica.

Palavras-chave: compulsão à repetição; psicanálise; violência doméstica; escolha conjugal.

INTRODUÇÃO

Sabendo que a compulsão à repetição é um conteúdo que esteve presente em praticamente toda obra de Sigmund Freud, o fenômeno, exposto primeiramente em 1914, ainda gera debates psicanalíticos e é explorado na academia, pois se busca uma articulação interna da relação entre as ideias descritas e a elaboração teórica de Freud (Souto, Moreira & Pena, 2018).

Assim como descreve Mello (2018), a psicanálise e a cultura demonstram, ao longo do tempo, momentos de aproximação e de distanciamento. No entanto, nota-se um movimento de avanços, ampliações e difusão do alcance das ideias postuladas por Freud e daqueles que o seguiram, como as variações encontradas da técnica e da prática; o fato da psicanálise deixar o consultório e adentrar espaços como instituições e escolas, e de suas concepções serem utilizadas também para compreender os fenômenos sociais e políticos.

De acordo com Pereira e Silva (2013), entende-se que as variáveis envolvidas na escolha do cônjuge têm sofrido mudanças ao longo da história. Esse fato se dá por conta das transformações nos âmbitos político, econômico, social e cultural, que propiciam, especialmente às mulheres, a adoção de novos papéis, bem como liberdade e autonomia envolvendo as relações amorosas.

Sendo assim, a escolha conjugal é importante no entendimento do ciclo de vida familiar, no qual o período de eleição do parceiro até a formação do novo casal define o início de uma nova família (Silva, Menezes & Lopes, 2010). Por isso, dada a relevância desta etapa na vida de um indivíduo, observa-se que uma escolha equivocada pode gerar sofrimento, o que leva o ser humano a apresentar cada vez mais dificuldades em fazê-la (Dias & Alves, 2020).

No âmbito social, Vieira, Garcia e Maciel (2020) afirmam que, atualmente, o desafio da sociedade é lutar contra o sentimento de posse do homem sobre a mulher e a naturalização da violência cotidiana, que está estritamente ligada a uma sociedade patriarcal, androcêntrica e misógina, de forma que, dispor de um lar seguro, sendo ele um ambiente de descanso e proteção, ainda é um privilégio de classe e de gênero.

Dados do Banco Mundial revelam que na América Latina, a violência doméstica acomete de 25% a 50% das mulheres, e, somado aos crimes praticados por conta do gênero, em 70% dos casos, o autor é o companheiro (Ribeiro & Coutinho, 2011).

É necessário ressaltar que os índices de violência doméstica se potencializaram durante a pandemia da COVID-19 não só no nosso país, mas também em países como Itália,

França, Espanha e China, que revelaram aumento nas ocorrências após a implementação de quarentena obrigatória (Vieira *et al.*, 2020).

No Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março de 2020, primeiros meses do isolamento social, houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços Disque 100 e Ligue 180 (Brasil, 2020).

A partir do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo identificar as possíveis contribuições do conceito da compulsão à repetição nas escolhas amorosas em situações de violência doméstica. Com base na revisão de literatura da área, primeiramente caracterizou-se a compulsão em si, para, mais adiante, adentrar-se no conceito de compulsão à repetição. Posteriormente, foi contextualizado como ocorre a escolha do parceiro conjugal e, por fim, definiu-se a violência doméstica.

Neste sentido, busca-se pensar em possíveis relações entre a compulsão à repetição, a escolha conjugal e a violência doméstica, no que se refere aos processos psíquicos que envolvem estas duas temáticas. Diante disso, optou-se pela obra cinematográfica “Marcas do Silêncio” (1996) como artefato cultural, para auxiliar a refletir sobre o objeto de pesquisa.

O tema desenvolvido despertou interesse durante a graduação do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul. A escolha por apresentar as possíveis relações entre a compulsão à repetição, as escolhas conjugais e a violência doméstica é resultado de vivências e experiências em disciplinas e estágios realizados. Cabe citar a relevância de disciplinas como Psicologia e Psicoterapia Psicanalítica, tendo em vista as contribuições da psicanálise acerca do seu entendimento sobre o funcionamento psíquico, e de Psicodiagnóstico I e II, que permitiram a compreensão da importância de uma escuta qualificada das vivências subjetivas do sujeito. Assim, esses conteúdos me proporcionaram o conhecimento teórico e a base para o que, em seguida, encontrou-se em um estágio extracurricular na Promotoria de Justiça. Neste local, foi possível acompanhar ações judiciais que envolvem guarda de crianças, litígio conjugal e violência, observando-se uma tendência do ser humano em repetir seus padrões de escolha do parceiro sexual.

Juntos, esses elementos incentivaram a curiosidade e a leitura de artigos científicos a respeito da teoria psicanalítica, em especial do conceito de compulsão à repetição e suas possíveis relações com a escolha de um parceiro amoroso. Escrever sobre esse tema alude à experiência prática realizada na Promotoria de Justiça, na qual uma parcela dos casos trabalhados é proveniente de disfunções conjugais.

Diante do interesse pelos assuntos acima citados, o presente estudo apresenta como problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições do conceito da compulsão à repetição nas escolhas amorosas relacionado à violência doméstica?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Identificar possíveis contribuições do conceito da compulsão à repetição nas escolhas amorosas em situações de violência doméstica.

Objetivos Específicos

- Apresentar aspectos fundamentais sobre o conceito de compulsão à repetição, segundo Freud.
- Conceitualizar acerca da escolha conjugal, na perspectiva psicanalítica.
- Caracterizar a violência doméstica.

REVISÃO DE LITERATURA

Compulsão à Repetição

Inicia-se abordando rapidamente o conceito de pulsão, o qual é fundamental à teoria psicanalítica e fundamental para a compreensão da compulsão à repetição.

Plon e Roudinesco (1997) afirmam que a pulsão, termo empregado pela primeira vez em 1905, por Sigmund Freud, é um dos conceitos centrais na perspectiva psicanalítica. A escolha deste termo ocorreu, principalmente, com o propósito de diferenciá-lo do conceito de instinto, que se refere ao comportamento animal, pois os autores entendem que a pulsão é como uma carga de energia, presente no organismo e no funcionamento inconsciente do ser humano.

Na obra “*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905/1996), Freud emprega pela primeira vez o conceito. No entanto, foi apenas anos mais tarde que a pulsão recebeu uma definição geral, sendo que, em “*As pulsões e seus destinos*” (1910/2013), o autor passa a considerá-la como um estímulo para o psiquismo, ou seja, que parte do interior do organismo, e não do mundo externo, e, devido a isso, a diferenciação do conceito de instinto se torna tão importante.

Sendo assim, define-se pulsão como um representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo, como uma força constante e que se encontra no limite entre o psiquismo e o corpo biológico (Plon & Roudinesco, 1997).

Os mesmos autores pontuam que quando a pulsão foi descrita por Freud, em 1910, lhe foram atribuídas quatro características: a pressão, a meta, o objeto e a fonte. A primeira é definida como a essência da pulsão, motor da atividade psíquica. A meta, ou alvo, refere-se a atingir a satisfação, eliminando a excitação que provém da origem pulsional. O objeto é estabelecido como a via utilizada pela pulsão para atingir seu alvo e, por fim, a fonte é o destino da pulsão, que é somática, ou seja, em uma parte do corpo, enquanto sua excitação é representada no psiquismo (Roudinesco & Plon, 1997).

A pulsão sexual, descrita como um impulso no qual a libido constitui energia, no período da infância e da puberdade, assume a forma de pulsões parciais, que, a partir das suas associações a determinadas partes do corpo, tornam-se zonas erógenas. Dessa forma, como exemplo, a satisfação da necessidade de nutrição, alcançadas através do sugar, é uma fonte de prazer, e os lábios constituem uma zona erógena, origem de uma pulsão parcial (Eizirik, 2009; Plon & Roudinesco, 1997). Assim, a partir da delimitação do conceito de

pulsão, Freud postulou que o elemento central da sua teoria é de caráter parcial, que apresenta uma fonte pulsional e um alvo para descarregar a tensão interna (Jorge, 2005).

Freud (1910/2013) relata que as pulsões sexuais são inúmeras e podem ser originárias de diferentes fontes somáticas, na qual a meta é alcançar o prazer, para, então, retornar à função reprodutiva. Os destinos, também considerados como defesas frente à pulsão, são: reversão em seu contrário, retorno à própria pessoa, recalque e sublimação.

O primeiro dualismo pulsional elaborado por Freud (1910/2013) opõe as pulsões sexuais, em que a energia é de ordem libidinal e realizam a função de manutenção da espécie, às pulsões de autoconservação, cujo objetivo é a preservação do indivíduo. Pouco tempo depois, o autor organiza estes grupos pulsionais de acordo com as modalidades de funcionamento do aparelho psíquico: as pulsões sexuais encontram-se sob domínio do princípio do prazer, à medida que as de autoconservação ficam a serviço do princípio da realidade (Eizirik, 2009).

Então, em “*Além do princípio de prazer*” (1920/1996), Freud introduziu um novo dualismo pulsional, no qual agrupa as pulsões sexuais e de autoconservação, designando-as pulsões de vida, que se opõem à pulsão de morte, conceito novo, que é situado como a tentativa, realizada pelo sujeito, de retornar ao estado inorgânico, a um nível psíquico mais baixo da excitação.

A partir da elaboração do conceito de pulsão de morte, o objetivo de Freud passa a ser explicar a origem da compulsão à repetição, que, por ser de ordem inconsciente, é difícil de controlar, e é definida como um movimento que leva o sujeito a se colocar repetidamente em situações traumáticas e dolorosas, fonte de profundo sofrimento (Eizirik, 2009; Fulgencio, 2012).

Freud, ao observar fatos rotineiros, como olhar seu neto brincando de atirar um carretel e, em seguida, puxá-lo de volta pelo barbante, narrando seus atos com duas expressões, *Fort* (saiu) e *Dá* (voltou), e, também, observando as neuroses de guerra, em que os pacientes não conseguiam parar de reviver os eventos traumáticos, aprofundou sua análise. Passa a considerar que, aquilo que foi recalcado, retorna ao presente de algum modo, sendo repetido de forma isolada, sem coerência e sem sentido, através de sonhos, sintomas ou ações ritualísticas (Eizirik, 2009; Vicentin & Almeida, 2019; Wobeto, 2013). Assim dizendo, os elementos recalcados, por meio do retorno do recalcado, tendem a reaparecer na consciência, ressurgindo mediante acontecimentos atuais que evocam esse material, através do deslocamento, condensação e conversão, e podem manifestar-se através da relação transferencial, dos sonhos e do jogo do brincar (Freud, 1914/2006; 1920/1996).

Nesse sentido, Wobeto (2013) enfatiza que Freud percebeu que, ao invés do sujeito recordar o fato traumático, havia alguma coisa que agia no sentido contrário, que nominou de resistência, que o faz repetir em forma de atuação, ou seja, a repetição é vista como uma expressão da resistência, que impede a recordação “(...) o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso comporta-se dessa maneira para com o médico” (Freud, 1914/2006, p. 165).

O autor, então, considera que o paciente acima não recorda a sua postura de enfrentamento diante dos pais, no entanto, apresenta uma conduta desafiadora para com o profissional, isto é, não rememora a sua infância, porém, segue repetindo, diante da relação com o outro, que considera representante das figuras parentais (Freud, 1914/2006), assim, dito de outra forma, o sujeito, ao invés de rememorar seu passado, atua, sendo que, se algo emerge é pela persistência da repetição (Wobeto, 2013).

A partir deste entendimento, Freud (1914/2006) vincula os conceitos de recordação, de resistência e de atuação, pois percebe que há uma cumplicidade entre os dois últimos elementos, na qual a recordação não aparece, pois “quanto maior a resistência, mais intensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar” (p. 167), sendo assim, a repetição, nessa perspectiva, é vista como negativa por estar associada à resistência, através da qual o sujeito é impedido de recordar e elaborar.

Eizirik (2009) aborda que, se as formas de compulsão à repetição são aspectos do retorno do reprimido, logo, não há como ampará-las unicamente à busca de prazer, ou seja, tem um resíduo que escapa, um “mais-além do princípio do prazer”. Freud, portanto, em seu artigo “*Além do princípio de prazer*” (1920/1996), relaciona a natureza compulsiva da repetição a uma manifestação da pulsão de morte, aos acontecimentos sem representação no aparelho psíquico.

Neste ponto de sua construção teórica, Freud (1920/1996) considera que não era mais a resistência que determinava a repetição, mas sim, o caráter compulsivo, que é uma expressão da pulsão de morte. Dessa forma, o autor também constatou a existência de forças pulsionais que, de tão intensas, não obedecem a lógica prazer-desprazer, e escapam ao campo representacional, causando transtornos no funcionamento psíquico (Kleger & Macedo, 2016).

Kleger e Macedo (2016) explicam que a proposta freudiana neste momento é de que, em momentos de excitação intensos, a membrana de proteção do aparelho psíquico é rompida, de modo a paralisar o princípio do prazer. Freud (1920/1996) descreve, portanto, “como traumáticas, quaisquer excitações providas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (p. 40). Assim, diante da incapacidade psíquica

de enfrentar o impacto traumático, se produz uma falha de inscrição, pois, com a urgência de livrar-se da tensão provocada pelo excesso de excitação, cria-se um trauma decorrente da não captura e, logo, da representação da intensidade (Kleger & Macedo, 2016).

A partir do insucesso na tentativa de ligação e de tradução destas forças pulsionais, o aparelho psíquico é obrigado a repetir conteúdos que nunca estiveram sob a regência do princípio do prazer e que não foram simbolizados, submetendo o sujeito ao domínio da compulsão à repetição (Kleger & Macedo, 2016).

Conde e Costa (2020) destacam que a compulsão à repetição pode ser associada ao retorno do recalcado, no qual o sujeito não é capaz de perceber a recorrência de certos acontecimentos em sua vida, mas sente estranhamento ou inquietação diante deles, já que a situação se configura como desconhecida, mas apresenta certa familiaridade, pois os elementos recalcados retornam, bem como, este fenômeno, na teorização freudiana, pode ser uma reação do psiquismo perante a uma excitação pulsional excessiva, seja ela externa ou interna, que rompe a barreira de proteção contra estímulos e causa desordem. Com o rompimento, há uma constante tentativa de ligação da energia desligada que adentrou ao psiquismo, porém, se esta não ocorre, por variados motivos, a compulsão à repetição não para de se manifestar.

Os autores manifestam que não existe uma relação direta entre a ligação psíquica e a compulsão à repetição, no momento em que a primeira é responsável pela dominação e destinação da energia no psiquismo e a outra envolve-se em outra instância, porém, eles entendem que se o Ego encontra-se fragilizado, ou seja, não possui os recursos necessários para a ligação, esta instância torna-se suscetível (Conde & Costa, 2020).

Barbosa e Samico (2019) também realizam uma articulação entre a compulsão à repetição e a pulsão de morte, sendo que, primeiramente, retomam alguns dizeres de Freud para contextualizar, referindo que o trauma é a origem da compulsão, já que na neurose traumática o princípio do prazer é inativado após uma falha no escudo defensivo, o que gera uma excessiva carga energética no aparelho psíquico, assim, o trauma é algo que se origina do excesso, que extrapola o prazer, ou seja, mais além do princípio de prazer. Logo, os autores enfatizam que a solução encontrada pelo neurótico é a repetição, cuja estratégia é repetir a ação até encontrá-la no real (Barbosa & Samico, 2019). “Trata-se de duas dimensões diferentes da repetição intimamente relacionadas: o sujeito repete porque não consegue simbolizar e repete na tentativa de simbolizar” (Samico & Jorge, 2018, p. 575).

Samico e Jorge (2018) analisam, portanto, que, se a compulsão à repetição está ligada ao trauma e à pulsão de morte, então, ela não é algo prazeroso para o sujeito e, ao fazer uma associação com a cultura, principalmente com o sistema prisional, no qual diversos sujeitos

voltam a transgredir a lei de forma compulsiva, os autores concluem que “a pulsão de morte, ao agir durante a compulsão à repetição, forma uma possibilidade de ser escutada e ser elaborada, pois quem recorda passa a elaborar o evento traumático” (p. 53) e, assim, se torna possível compreender o traumático e simboliza-lo. Segue-se abordando acerca da escolha conjugal.

Escolha Conjugal

Wobeto (2013) afirma que homens e mulheres desejam ser amados, e, logo, buscam por seu final feliz, sendo que este movimento é embasado em composições conjugadas, como: atividade e passividade, sadismo e masoquismo, paixão e recato, amar e ser amado, que, influenciados pelo contexto sociocultural, determinam o lugar do homem e da mulher neste drama.

No artigo “*Sexualidade feminina*” (1931/2006), Freud sinaliza que na fase edípica, primeiramente, acreditava-se que a ligação da menina com o pai era intensa, porém, antes dessa, há uma fase de ligação exclusiva à mãe, que é igualmente intensa e apaixonada. Então, a partir dessa percepção, o autor dá-se conta de algo novo, que antecede o complexo de castração e a entrada no Édipo, que o faz refletir sobre o papel da mãe na vida pregressa da menina, e o quanto essa relação se fará presente na sua vida adulta e em suas escolhas amorosas.

Tanto a menina quanto o menino têm como primeiro objeto de amor a genitora, entretanto, “(...) essa fase de ligação exclusiva à mãe, pode ser chamada de fase pré-edípica, tem nas mulheres uma importância muito maior do que nos homens” (Freud, 1931/2006, p. 238), visto que o temor à castração que se instaura no menino, fazendo-o distanciar-se da mãe, na menina, não ocorre, já que o elo materno antecede sua ligação com o pai. Concluiu-se, portanto, que a menina ama a mãe com a mesma intensidade que, posteriormente, amará o pai (Freud, 1931/2006).

Durante a fase pré-edípica, enquanto a relação mãe-filha está sendo construída de forma intensa e apaixonada, “(...) o pai de uma menina não é para ela muito mais do que um rival causador de problemas” (Freud, 1931/2006, p. 234), contudo, assim como o menino, a menina também se defronta com a falta, quando identifica não possuir pênis, mas, ao ir reivindicá-lo para a mãe, nota que ela também é faltosa, ou dito de outra forma, castrada (Freud, 1931/2006). Assim, Freud (1905/1996) discorre que, ao entrar na fase edípica, a menina não percebe o pai mais como um rival, e sim como um objeto de amor, sendo que ela abandona o que foi constituído originalmente, e a mãe passa a ser odiada diante do rancor da falta.

Freud (1931/2006), então, conclui que devido à entrada de um terceiro, no caso, o pai, o vínculo mãe-filha é rompido, pois este impede o desejo incestuoso da criança e possibilita um rompimento saudável, sendo que, nesse sentido, por temer a castração, o menino abandona seu primeiro objeto de amor e identifica-se com o pai, superando, assim o complexo de Édipo, mas na menina, a castração não é vivenciada com temor, porém, ela depara-se com um conflito de oposição entre o ódio e o amor. O ódio em relação à mãe, despertado pela falta, a faz querer se afastar, movendo-se em direção ao pai, seu atual objeto amoroso.

O complexo de Édipo na menina é caracterizado pelo deslocamento que ela realiza ao perceber a falta da mãe e voltar-se ao pai para receber o que não lhe foi proporcionado, ou seja, a ligação existente entre mãe-filha vai sendo substituída, pois o pai assume este lugar, assim, com a presença deste, o papel da menina diante da mãe também é alterado, pois o pai revela-se, a ela, um porto seguro (Freud, 1931/2006).

O conflito de amor e ódio em relação à mãe é acentuado, sendo possível concluir, então, que “a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente” (Freud, 1931/2006, p. 243), de forma que, muitas mulheres se mantêm presas nesta conflitiva, ou seja, “a atitude hostil para com a mãe não é consequência implícita do Complexo de Édipo, mas se origina na fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edípica” (Freud, 1931/2006, p. 239).

Wobeto (2013) apresenta, então, que a vinculação mãe-filha na fase pré-edípica reflete na vida adulta das mulheres, determinando a maneira como ela identifica-se com a mãe e na forma de relacionar-se com o outro. Freud (1931/2006) discorre que muitas mulheres têm o pai como referência na escolha do seu objeto amoroso, mas existem outras que fazem tal escolha baseadas no que vivenciaram com a mãe.

Nesse sentido, Freud conta sobre as escolhas amorosas das mulheres, atentando que: [...] escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento com a mãe. [...] agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetivas afetivas (Freud, 1931/2006, p. 239).

Logo, entende-se que a forma que a mulher se relaciona com seu parceiro é proveniente da relação mãe-filha, mesmo que o pai surja como referência para a escolha objetal (Wobeto, 2013).

Torna-se importante dialogar também sobre as escolhas amorosas levando em consideração a obra “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, de Freud, no qual ele identifica como acontecem as escolhas objetais.

Primeiro, a criança acolhe a figura materna ou paterna que demandará seu amor, caracterizando o complexo de Édipo. Depois, com a latência e a puberdade, em que se dá a separação das particularidades masculinas e femininas, manifesta-se a forma da vida sexual adulta, sendo que, “é ainda na puberdade que se firma o primado das zonas genitais para o alvo sexual. Paralelo consuma-se do lado psíquico o encontro com o objeto, para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (Freud, 1905/1996, p. 208), cuja época em que a satisfação sexual e a nutrição estavam intrinsecamente conectadas, e o objeto da pulsão sexual era o seio materno (Freud, 1905/1996).

Freud (1905/1996) considera que a pulsão sexual é originada não só da excitação na zona genital, mas, também, do toque terno em outras regiões do corpo, de forma que o cuidado com a criança pode ser caracterizado como fonte de excitação e satisfação sexual. Assim, o modelo para as escolhas objetais em fases de desenvolvimento mais progressas advém das necessidades básicas satisfeitas através da nutrição na primeira infância.

Em vista disso, o autor pontua que o encontro com o objeto amado na fase adulta, é, na verdade, um reencontro de um amor vivido na infância, impossível de ser revivido em sua essência, assim, só é vivenciado na ordem no mítico. Diante de tal impossibilidade, Freud conclui que a pulsão nunca se satisfaz por conta da inadequação da sua própria proposição, e não pela inadequação dos objetos (Freud, 1905/1996).

Como o sujeito busca pelo reencontro com o objeto perdido, seu discurso diante dos parceiros amorosos “pode ser confundido como um discurso odioso, que fala de si numa perspectiva narcisista” (Wobeto, 2013, p. 53), pois revela as necessidades do Eu, no intuito de preencher as faltas, porém sabe-se que isso não acontecerá, já que ele busca aquilo que foi formado na época da amamentação (Freud, 1905/1996).

Freud (1914/2006) compreende que o narcisismo está presente em todos os seres humanos, no qual o objetivo de qualquer investimento é o retorno para o eu, pois as ações e os movimentos psíquicos fazem parte do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação. Logo, o autor elabora uma “ideia de que há uma catexia libidinal original de ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais” (Freud, 1914/2006, p. 83), ou seja, com base nos

investimentos, há uma diferença entre a libido objetal e a libido do Eu, já que quanto mais uma é aplicada, mais a outra se esvazia. Dessa forma, quanto mais investimento há no objeto, mais o ego é esvaziado, tornando-o dependente, isto significa que, em função da libido objetal, a libido do Eu se empobrece, gerando uma dependência do objeto.

Entretanto, se ocorre o oposto, se houver um investimento exclusivo no ego, e o sujeito volta-se para si como único objeto de amor, lhe é acarretado um desgaste narcísico, adoecendo. Assim, observa-se que os investimentos devem ser equivalentes, e não podem ser diferenciados, já que o amor direcionado ao próprio eu, também tem um tipo de escolha objetal (Wobeto, 2013; Freud, 1914/2006).

Segundo Freud (1914/2006), "o estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto" (p. 107), em que a cada experiência amorosa há uma remoção das repressões e uma reinstalação das perversões, na qual a idealização do objeto de satisfação é dada a partir das condições infantis, fazendo com que o sujeito repita os resquícios da relação original.

Nessa perspectiva, fica evidente que o lugar do outro nas parcerias amorosas dependerá das necessidades narcísicas do sujeito que está amando (Wobeto, 2013).

Como já dito, para Freud (1905/1996), encontrar o objeto é, na verdade, reencontrá-lo, logo, o ser apaixonado, para Wobeto (2013), "reproduz inconscientemente a alienação primordial ao outro, em sua relação original com seu objeto primeiro numa tentativa de metabolizar, por meio de uma repetição traumática, as experiências pueris alienantes e ao mesmo tempo constitutivas. Um mergulho na própria imagem especular" (p. 57).

A partir do exposto, de que o sujeito repete sua relação primeira, cabe analisar tipos de escolhas objetais propostas por Freud (1914/2006), que podem ser do tipo narcísico e do tipo anaclítico.

No sexo feminino, o tipo mais evidente é o narcísico, de maneira que a escolha é feita pensando no que ela é, o que ela foi e o que gostaria de ser na repetição do ideal de si mesma, o que ocasiona uma dificuldade na escolha de objeto (Freud, 1914/2006), pois "elas amam a si mesmas com uma intensidade comparável ao amor dos homens por elas. Suas necessidades não estão na direção de amar e, sim, de serem amadas" (Costa, Ferraz & Ribeiro, 2013, p. 3).

De acordo com Salles, Sanches e Abras (2013), para Lacan, na escolha narcísica se elege um semelhante, em um tipo de eleição ativa, na qual o importante para o sujeito é amar, não importando se o outro ama ou não. Já na escolha anaclítica, o importante é ser amado, logo, a escolha é baseada em um outro que o apoia e quer. A partir disso, conclui-se

que esta última é a opção que melhor convém ao homem, pois a mulher encontra nele o objeto que falta, ou seja, ele tem algo para satisfazê-la.

Analisando a escolha conjugal através do prisma cultural, Veiga e Loyola (2020) pontuam que as mulheres com mais chances de serem escolhidas por homens são aquelas que se aproximam do histórico padrão estético: loiras, brancas, magras e jovens. Assim, quanto mais distante desse ideal, menor a probabilidade de ser escolhida, passando, então, a ter chances de ser vista apenas como objeto sexual.

Logo, compreendendo a realidade brasileira e as relações de gênero, permeadas pelo racismo e sexismo, as mulheres negras são as que permanecem por mais tempo solteiras. Com isso, as autoras destacam que o amor torna-se fator identitário para as mulheres brasileiras, visto que ser escolhida é sinônimo de ser bem sucedida (Veiga & Loyola, 2020).

Outro fator que é importante para a identidade feminina brasileira é a maternidade, que, de acordo com Veiga e Loyola (2020), “se baseia no ‘heterocentrismo’, no qual há uma verdadeira pedagogia que ensina as mulheres a priorizar as necessidades e demandas do outro, em detrimento das próprias” (p. 2), sendo que tem-se visto que os efeitos da maternidade são o de aumentar a dependência financeira e afetiva das mulheres em relação aos homens, visto que há uma naturalização em vê-las no lugar de cuidar dos filhos.

Já para o homem, o processo de subjetivação é fundamentado a partir da virilidade sexual e laborativa, ou seja, no Brasil, o homem “de verdade” deve prover seu lar, acumulando dinheiro e *status*, e ser sexualmente ativo, de forma que “a masculinidade, para os homens, ocorreria através de forte pedagogia afetiva, que se dá pelo embrutecimento da relação consigo mesmo (corpo e afeto) e com os outros (mulheres e homens), pautada, sobretudo, pela misoginia” (Veiga & Loyola, 2020, p. 3). A seguir, abordar-se-á sobre violência doméstica.

Violência Doméstica

De acordo com Schraiber, Oliveira e Couto (2006), o ato violento pode ser direcionado para mulheres, homens, crianças e idosos, e, da mesma forma, os agressores se encontram espalhados nesses mesmos grupos. No entanto, tem se tornado cada vez mais comum o estabelecimento de uma relação entre o ato violento e o gênero, talvez por ser um tipo recorrente de agressão e, também, devido ao comportamento agressivo ser considerado natural em homens.

Para Silva, Falbo e Cabral (2009), a diferença de sexo confere ao homem poder e força física, e à mulher características de fragilidade e submissão. Porém, Saffioti e Almeida

(1995) compreendem que esta desigualdade é uma construção social, na qual a violência praticada pelo homem contra a mulher, principalmente no ambiente doméstico, é tolerada, visto que nossa sociedade não é benevolente com mulheres, revelando que existe uma supremacia masculina.

A violência contra a mulher “se trata de um fenômeno que desconhece qualquer fronteira, de classes sociais, de tipos de cultura, de grau de desenvolvimento econômico, podendo ocorrer em qualquer lugar e ser praticado em qualquer etapa de vida da mulher” (Saffioti & Almeida, 1995, p. 8). Sendo assim, mesmo que a mulher disponha de um lugar socialmente privilegiado e seja estável financeiramente, pode sofrer violência doméstica, pois mesmo possuindo todos esses recursos para sair desta relação, escolhem investir nelas por serem dependentes emocionalmente de seus companheiros.

O movimento feminista foi fundamental para o processo de elaboração e aprovação da Lei 11.340/2006, ou popularmente conhecida como Lei Maria da Penha. Nela, se afirma que toda a mulher, independente de classe, raça, etnia ou orientação sexual dispõe de direitos fundamentais e assegura, a todas, a oportunidade de viver sem violência, além de tipificar a violência doméstica como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico e dano moral ou patrimonial às mulheres, ocorrida em relação íntima de afeto (Meneghel, Mueller, Collaziol & Quadros, 2013).

Segundo Pasinato (em Meneghel *et al.*, 2013), a Lei pode ser organizada em três eixos de intervenção: o primeiro trata das medidas criminais para a punição da violência, no segundo encontram-se as medidas de proteção da integridade física e os direitos das mulheres, e no terceiro eixo, as medidas de prevenção e de educação, cujo objetivo é impedir a ocorrência da violência e a discriminação baseada apenas no gênero.

A violência física, consumada a partir de tapas, socos e empurrões, ainda é uma das formas mais comuns da violência praticada contra a mulher, sendo que a maioria dos estudos que se produzem ainda tem como objetivo discorrer apenas sobre esta, principalmente porque as agressões físicas são visíveis, diferente das outras modalidades de violências que a mulher pode sofrer (Schraiber *et al.*, 2007).

Como a violência psicológica, que Echeverria (2018) considera como sendo o tipo mais cruel de violência praticado à mulher, visto que pode durar uma vida toda e deixar sequelas irremediáveis, justamente por não se ter tanta clareza do que pode ser ou não abusivo psicologicamente. Segundo a Lei Maria da Penha, esta tipologia é caracterizada como:

II - qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar

ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Brasil, 2006, p.1).

Portanto, entende-se que a violência psicológica é a porta de entrada para outros tipos de agressões, uma vez que é uma modalidade mais sutil e a mulher tem dificuldade em se reconhecer como vítima dentro da relação conflituosa, permanecendo inerte, apática e sem capacidade de reagir (Fabeni, Souza, Lemos & Oliveira, 2015; Lucchese *et al.*, 2017).

A violência sexual é outra categoria de violência praticada contra a mulher, sendo entendida pela Lei Maria da Penha, em seu artigo 7º como:

III - qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (Brasil, 2006, p.1).

O Ministério da Saúde (2002) pontua que a violência sexual ainda é confundida como desejo dentro de relacionamentos afetivos ou casamento, visto que, os parceiros que forçam suas companheiras a manter relações sexuais, dificilmente são denunciados, já que as mulheres que passam por este tipo de situação tendem a não entender que se trata de uma agressão, uma vez que se sentem na obrigação de atender às necessidades sexuais dos parceiros.

A Lei Maria da Penha também pontua mais dois tipos de violência contra a mulher, a patrimonial e a moral, sendo, a primeira delas, definida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades” (Brasil 2006, p.1), e a segunda se refere a “qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (Brasil, 2006, p.1).

A especificação das variedades de violência traçadas pela lei permitiu uma melhor compreensão sobre o que de fato é violência, bem como se ampliou o leque de possibilidades de escuta das vítimas, sendo possível entender que a história e a cultura influenciam

diretamente a construção das relações de poder entre homens e mulheres (Campos, Tchalekian & Paiva, 2020).

Mesmo que a violência não seja um objeto de estudo tradicional da Psicanálise, ela não consegue esquivar-se dos seus efeitos, seja no âmbito social ou individual, pois com os crescentes dados de violência, todos os segmentos são afetados e não podem permanecer indiferentes (Melman, 2008).

Costa (2003) afirma que a violência está diretamente ligada à cultura e à possibilidade de as pessoas viverem em sociedades organizadas, pois os hábitos e costumes são passados às novas gerações com uma natureza impositiva.

Melman (2008) identifica três tipos de violência: imaginária, simbólica e real. A primeira delas é explicada a partir da conduta das crianças, que costumam ser violentas e agredir aquelas identificadas como mais fracas. Logo, o ato violento seria resultante da possibilidade de que esta imagem poderia prejudicar a imagem ideal de si próprio.

A violência simbólica é exemplificada a partir de uma cena conjugal, na qual a relação que se dá é permeada de atos violentos. O autor pontua que se há uma assimetria no amor entre os cônjuges, se instala uma situação em que a relação só é possível a partir do consentimento de um em relação à vontade e desejos do outro e, se um dos parceiros fica submetido nesse enlace, a violência pode emergir, pois ele pode não suportar mais tal situação e rebelar-se, utilizando do ato violento como simbologia para sua inconformidade. Isso é o que a psicanálise denomina como “*acting out*”, ou passagem ao ato (Melman, 2008).

Já o terceiro tipo de violência relacionado pelo autor, a real, é quando um indivíduo passa a existir socialmente por meio da execução de um ato violento. Esses casos ocupam os horários de maior audiência na mídia e fazem emergir um sujeito que não conseguiria ser percebido de outra forma. Logo, Melman (2008) discorre que esta modalidade é decorrente da marginalidade social, na qual o sujeito não se sente reconhecido na sociedade em que vive.

O entendimento freudiano acerca da violência é de que “não existe um ‘instinto de violência’. O que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e com a possibilidade do homem empregar a violência” (Costa, 2003, p. 35).

Zimerman (2001) complementa que a palavra violência provém do termo latino *vis*, que significa força, sendo que ele também dá origem a palavras como vigor, vida, vitalidade, ou seja, pode-se dizer que, a partir de um estado de vigor, pode-se chegar na violência, bem como, se supõe que há uma transição entre a agressividade sadia para uma agressão destrutiva.

Com o intuito de compreender melhor a violência doméstica, Haack e Falcke (2020) discorrem que existe uma íntima relação entre as experiências familiares e a violência conjugal, na qual, a partir de estudos, se entende que vivenciar situações de violência na família de origem pode levar a uma tendência de repetir esses padrões nos relacionamentos adultos.

Essa propensão está ligada ao fato de que quem experienciou alguma violência na infância, a naturalizou, sendo, portanto, um fenômeno esperado na relação conjugal. Assim, mesmo que os estudos não detalhem o tipo de violência sofrido, entende-se que experiências adversas na família de origem podem se associar à violência doméstica e impactam significativamente a saúde da mulher adulta décadas mais tarde (Haack & Falcke, 2020).

METODOLOGIA

Delineamento

O método é definido como o caminho utilizado pelo pesquisador para realizar o seu projeto, sendo, portanto, um procedimento científico, sistemático e racional que reúne todos os passos empregados no desenvolvimento do trabalho, indicando regras e propondo um procedimento que orientará a pesquisa para que seja realizada com eficácia (Gil, 2008; Laville & Dionne, 1999).

Para a realização do presente projeto de trabalho de conclusão de curso, foi empregada a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, descritiva e interpretativa.

De acordo com Laville e Dionne (1999), a pesquisa qualitativa investiga o entendimento e avalia as particularidades do conteúdo e o sentido dado pelos sujeitos a respeito de um determinado tema. Flick (2009) complementa, referindo que este tipo de pesquisa é relevante no estudo das relações sociais, pois, com a diversidade de formas de vida, novos ambientes e subculturas passam a existir, e exigem a criação de novos instrumentos para o estudo empírico destas questões.

Gil (2008) determina que o objetivo do caráter exploratório é possibilitar uma visão aproximada do que será investigado, desenvolvendo e esclarecendo conceitos como a compulsão à repetição, a escolha conjugal e a violência doméstica. Além disso, ela busca aprimorar ideias para que o pesquisador tenha um melhor entendimento sobre o assunto e possa, então, propor possíveis hipóteses.

Já o caráter descritivo, objetiva descrever certo fenômeno, estudando suas características para, então, estabelecer relações entre as hipóteses levantadas no problema de pesquisa e o referencial teórico (Gil, 2008).

Por fim, de acordo com Gil (2008), uma pesquisa interpretativa é aquela que busca identificar fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos identificados.

Fonte

O artefato cultural escolhido para a realização do presente trabalho foi o filme “Marcas do Silêncio”. Lançado em 1996, dirigido por Anjelica Huston e produzido por Amanda DiGiulio, com duração de 97 minutos, ele se passa nos Estados Unidos, retratando a década de 50.

O filme conta a história do núcleo familiar de Anney Boatwright, que aos 15 anos de idade, solteira, dá à luz a uma menina, Ruth Anne Boatwright, carinhosamente apelidada

pelos tios de Bone. Na certidão de nascimento da criança consta o carimbo de ilegítima, ou seja, sem registro paterno, o que, para Anney, é considerado vergonhoso, pois ela própria é filha de mãe solteira e vivenciou a desconsideração da sociedade por não ter um pai, por isso, no transcurso da história, ela busca modificar o documento da filha.

Anney se casa uma vez na tentativa de dar um pai para Bone, contudo, o marido morre em um acidente automobilístico, deixando-a com um bebê recém-nascido e a menina. Em seguida, ela se casa novamente, dessa vez com Glen Waddel, engravidando novamente logo após a união. No dia do parto, a criança, de sexo masculino, tão desejada por Glen, falece ao nascer e Anney nunca mais poderá ter filhos.

A partir de então, o matrimônio passa por uma série de dificuldades, com Glen não conseguindo se fixar em algum emprego, e Anney voltando ao mercado de trabalho para garantir o sustento das filhas. Glen inicia uma série de práticas violentas contra Bone, abusando sexualmente dela e a espancando frequentemente, sendo esta última prática, com a ciência da genitora, que não impede a ação do companheiro. Quando a família Boatwright descobre essa violência, Bone passa a viver com os tios e Anney foge com Glen, retornando apenas para entregar à filha a sua nova certidão de nascimento, sem o termo ilegítima.

Por meio deste artefato, foi analisado o comportamento da genitora de Bone, Anney Boatwright.

Instrumentos

Os recortes de cenas do filme foram dispostos e organizados em uma tabela, que, de acordo com Laville e Dionne (1999), esse modo de estruturação permite uma visualização mais categorizada, na qual há uma compilação de dados e, através de uma apuração de elementos, atribui-se significados aos conteúdos resgatados.

Assim, para a organização das informações, consta, na tabela, as descrições das cenas selecionadas, que também foram agrupadas em categorias temáticas para a discussão.

Procedimentos

Para a elaboração do presente trabalho, após a determinação do problema e dos objetivos, realizou-se o planejamento, a redação da Revisão de Literatura, coleta de dados e materiais, análise e interpretação destes dados (Gil, 2008). Buscou-se materiais como livros disponíveis na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul, e artigos científicos disponibilizados em bases de dados como a *Scientific Electronic Online* (SciELO), Portal de Periódicos CAPES, e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Foram

utilizados os seguintes descritores: escolha conjugal, compulsão à repetição, violência doméstica, escolha amorosa.

A partir destas leituras, foi possível estabelecer relações com os objetivos previamente propostos, bem como analisar a pertinência dos dados apresentados pelos autores. Desse modo, primeiramente foi realizada uma leitura exploratória, no qual se analisou a conveniência do material com a presente pesquisa, e, em seguida, efetivou-se uma leitura seletiva com o material selecionado, para, ao fim, estabelecer relações entre os conteúdos.

Após a definição do artefato cultural “Marcas do Silêncio”, o filme foi assistido inúmeras vezes com o objetivo de destacar as principais cenas que respondem ao problema de pesquisa, os quais foram agrupados em categorias de análise e realizada a discussão dessas.

Referencial de Análise

O referencial estabelecido foi o de Análise do Conteúdo que, de acordo com Laville e Dionne (1999), proporciona ao pesquisador a possibilidade de estudar seu conteúdo, desconstruindo-o, analisando-o, comparando-o e procurando sentido no que foi dito. A partir disto, delimitadas categorias para a análise, que foram definidas *a posteriori*, seguindo-se o modelo aberto. A discussão de tais categorias foi realizada com a técnica de emparelhamento, definida como a associação entre os dados coletados e uma concepção teórica, com a finalidade de relacioná-los.

RESULTADOS

Tabela 1: Categorias de análise e recortes do artefato cultural:

CATEGORIA	CENAS
1. Dependência	<p>Cena A: Após o velório e o enterro do bebê de Anney e Glen, toda a família se reúne em sua casa. Glen chega e, na frente de todos, afirma para a esposa que eles se mudarão. Os familiares questionam o motivo, para onde vão, e o que tem de errado com a casa em que moram, e Anney, sem dizer nada, apenas diz que vai ficar tudo bem e pergunta às suas tias se elas podem ajudar com a mudança. Nesse momento, Glen retira Anney de perto de todos e afirma que “não precisamos da ajuda de ninguém, podemos nos virar sozinhos” (sic). Anney se esquiva do carinho do marido, mas concorda com o que ele diz.</p> <p>Cena B: Bone está no banheiro, quando sua tia entra e não percebe que ela está lá. A menina demonstra sinais de embriaguez e a tia pergunta quem lhe deu bebida alcoólica e, ao ajudá-la a se vestir, a menina grita de dor, chamando a atenção da tia para o machucado da menina nas nádegas. A menina pede para que a tia não faça nada, mas ela sai do banheiro imediatamente e chama seu irmão e cunhados, mostrando a eles a marca em Bone, mandando os homens “acabarem com ele” (sic). Os homens da família começaram a bater e chutar Glen, chamando-o de “maldito, desgraçado” (sic), enquanto Anney tenta se desvinciliar de sua irmã, que a segura, dizendo que “ele a ama, ele ama a todas nós” (sic) e leva um tapa na cara de sua mãe. Bone chora e pede desculpas, dizendo que “deixei ele bravo” (sic). Uncle segue batendo em Glen, agora usando o cinto, questionando a ele se é bom, e Anney, chorando, tenta se desvencilhar das irmãs dizendo que “eles vão matá-lo” (sic), sendo, então, xingada por uma delas, que a manda calar-se.</p> <p>Cena C: Bone é levada ao hospital por Anney após queixar-se de dor para caminhar. O médico identifica que a menina quebrou o coccix e afirma à genitora que a lesão é proveniente de um espancamento. Diante da acusação, Anney leva Bone embora.</p>

2. Compulsão à Repetição **Cena D:** Bone conta que sua mãe tentou diversas vezes voltar ao tribunal e retirar da certidão de nascimento da menina o registro de ilegítima, porém, ela desiste quando conhece Lion, referindo que encontrou um “homem de verdade” (sic) e, por isso, ele cuidará de ambas. Assim que a avó de Bone permite a relação entre Anney e Lion, eles se casam e a moça engravida logo em seguida. Em um piquenique em família, Lion e Bone brincam juntos.

Cena E: Anney está saindo de casa toda arrumada para ir ao cartório casar-se com Glen, quando sua irmã ajeita seu vestido dizendo este é muito apertado e que é melhor que ela se case logo, antes que a barriga comece a aparecer.

Cena F: Anney e sua mãe, Granny, estão conversando. A jovem diz que Glen a ama, e também as suas filhas e que a implicância da sua mãe com o jovem é porque ela não gosta da família dele. Granny afirma que Anney não conhece o Glen e sua filha responde “eu sei que ele me ama” (sic). Granny pontua que ele não tem estabilidade nos empregos e Anney defende seu companheiro, afirmando que ele trabalha com seu irmão há oito meses. Granny reafirma que “tem alguma coisa errada com este rapaz” (sic), pois estranha a forma como ele lhe encara, colocando que seu filho lhe comentou que Glen tem “um gênio forte” (sic). Anney questiona a sua mãe se ela “conhece algum que não tem gênio forte?” (sic).

Cena G: Anney e seu irmão, Uncle, que trabalha com Glen, estão no carro, em direção ao cartório onde será firmado o casamento do casal. Uncle para o veículo no meio estrada, para estranhamento de sua irmã, que lhe questiona o motivo da pausa. Então, o irmão de Anney coloca que “talvez você queira mudar de ideia” (sic) e ela afirma que “arranjei um homem que me ama” (sic) e, por isso, não mudará de ideia. Uncle diz para a irmã que Glen a ama “como um jogador ama os cavalos de corrida e como um desesperado ama o seu whisky” (sic) e ela diz que o irmão está com ciúmes.

Cena H: Após uma discussão com sua mãe, Anney fala para Bone, que ainda é recém-nascida, que não vai deixar que tratem a menina como um lixo, e que também possui o mesmo carimbo que a filha na sua certidão, “rejeitada, bastarda, substituível” (sic). Fala também que “dá duro” (sic) para conquistar o que deseja e, mesmo assim, os outros lhe olham como se fosse “uma pedra no chão” (sic).

Cena I: No carro, encontram-se Anney e Glen no banco da frente, Bone e sua irmã no banco traseiro. Glen se declara para Anney, dizendo que a ama e que “não posso esperar mais” (sic), referindo-se ao casamento. Ele afirma que ama as filhas de Anney, as chamando de “nossas garotas” (sic), pedindo para que as meninas lhe chamem de pai, “me chamem de pai, porque eu amo a mãe de vocês” (sic), colocando à Anney que tratará elas bem. Anney permanece em silêncio. Glen insiste, “não diga que não, Anney, não faz isso comigo” (sic). Anney afirma que não sabe e diz “está bem, eu vou pensar nisso” (sic), porém, como Glen segue insistindo e lhe fazendo carinho, poucos segundos depois, ela cede, “tá bom, certo, está bem” (sic). Glen grita e sai do carro comemorando, “eu sabia que diria sim” (sic), e chama Anney para comemorar junto.

3. Violência
Doméstica

Cena J: Anney está ouvindo música e cozinhando com suas filhas quando Glen chega em casa e pergunta a esposa o que significa o envelope com dinheiro que encontrou. Ela diz que seu irmão só quer ajudar e ele pergunta a ela “como pôde me envergonhar desse jeito? Eu sou um homem, eu não preciso que seu irmão pague minhas contas” (sic), ordenando que a mulher devolva a quantia. Anney afirma ao marido que é tolice e que precisam do dinheiro. Glen grita mandando ela fazer o que lhe disse e arranca o rádio da tomada afirmando que se não fizer venderá “esse maldito rádio que tanto você gosta” (sic). Ele segue falando que a mulher fica zangada quando ele faz as coisas, que ela não valoriza o que ele faz. Anney diz ao esposo que todos têm problema de vez em quando e que é para esperar que as coisas irmão melhorar. Glen manda Anney calar a boca e diz para ela parar com “esse papo de mãe” (sic) mandando-a calar a boca

novamente. Glen, então, baixa o tom de voz e pede desculpas a mulher.

Cena K: Após o velório e o enterro do bebê de Anney e Glen, toda a família se reúne em sua casa. Glen chega e, na frente de todos, afirma para a esposa que eles se mudarão. Os familiares questionam o motivo, para onde vão, e o que tem de errado com a casa em que moram, e Anney, sem dizer nada, apenas diz que vai ficar tudo bem e pergunta às suas tias se elas podem ajudar com a mudança. Nesse momento, Glen retira Anney de perto de todos e afirma que “não precisamos da ajuda de ninguém, podemos nos virar sozinhos” (sic). Anney se esquiva do carinho do marido, mas concorda com o que ele diz.

Cena L: Bone e sua irmã estão brincando, correndo uma atrás da outra no pátio de sua casa, enquanto Glen troca o pneu do carro. Glen segura Bone, quando esta passa por perto, e briga com a menina afirmando que ela está lhe atrapalhando, mandando ela parar de correr. Ao soltá-la, ele fala “você é uma menina e não um cavalo de corrida” (sic), e a menina, de costas para o padrasto, coloca as mãos na cintura, e o imita repetindo a mesma frase que ele lhe disse. Nesse momento, Glen começa a correr atrás de Bone, chamando-a de “vadiazinha” (sic), pega-a no colo e a leva ao banheiro. Anney, nesse momento, aparece e tenta entrar no cômodo, mas seu companheiro e a filha estão trancados. Glen retira o cinto, Bone lhe pede desculpas várias vezes, e Anney solicita que o marido abra a porta, mas Glen diz que, como a enteada lhe desrespeitou “devia ter feito isso há mais tempo” (sic) e começa a lhe agredir com o cinto diversas vezes. Anney bate incessantemente na porta e pede para o que marido pare, sendo que, quando este finalmente abre a porta, ela lhe chama de “desgraçado” (sic) e ele afirma que “ela é minha filha também (...) alguém nessa casa tem que amá-la o bastante para ensinar essa menina” (sic). Anney se tranca no banheiro com a filha, que está deitada no chão chorando e, ao acalentá-la, pergunta “o que foi que você fez, querida, para ele ficar tão zangado?” (sic).

Cena M: O salário de Glen não era bom no seu novo emprego, fazendo com que Anney voltasse a trabalhar também, em um café,

permanecendo até tarde para ganhar mais. Nestes períodos, Bone e sua irmã ficavam sozinhas com o padrasto. Ele chama a atenção da mais velha, pois um casaco estava no chão, “o que foi que eu disse que ia fazer? Vamos lá pra cima, vai aprender a cuidar das suas coisas” (sic). Bone, sem contestar, deixa de brincar com sua irmã e vai ao banheiro. Novamente em narrativa, a menina coloca que “Glen sempre encontrava alguma coisa que eu havia feito de errado e precisava me ensinar. Algo que ele tinha que fazer, porque me amava tanto” (sic).

Cena N: Bone está arrumando o cabelo de sua irmã, quando Glen lhe chama. Após chamá-la algumas vezes, ele vai ao encontro das enteadas e pergunta à mais velha quantas vezes precisa lhe chamar, e a menina responde que não ouviu. O padrasto diz que Anney precisa de ajuda e, novamente, Bone diz que não ouviu os chamados de Glen, que pega no braço da menina e diz que ela não deve lhe responder, pois “você está na minha casa agora, eu sou o dono da minha casa” (sic). Anney chega e tenta soltar o braço de sua filha, pedindo para que o marido parasse com aquilo, mas ele afirma que cuidará dela, levando-a para o banheiro e pedindo para que sua mulher não se meta. Glen bate em Bone com o cinto, pedindo para que a menina “não dê um pio, não se atreva” (sic), enquanto Anney bate na porta gritando o nome do marido.

Cena O: Bone está brincando com filhotes de cachorros no pátio na casa de sua tia quando Glen chega. A menina se assusta com a visita e começa a entrar na residência. Glen desce do veículo e cumprimenta a enteada, pedindo onde está Anney. Bone responde que ela está na casa da tia, então, Glen avisa que esperará por sua mulher. Ao perceber que a menina está sozinha na casa, pergunta se ela poderia lhe dar um chá gelado enquanto espera. Bone concorda e entra na casa, sendo seguida pelo padrasto, que diz a ela o quanto está crescida, que logo começará a namorar, que talvez se case e forme uma família. Glen se aproxima de Bone para pegar o chá e a menina se assusta, afirmando também que ela é uma “garota assustada” (sic). Diz que conversou com Anney e que ela voltará para ele apenas se Bone voltar para a casa, e que, portanto, a menina deve dizer para sua mãe que vai voltar

e que “vamos ficar todos juntos de novo” (sic). Bone diz que não quer mais morar com eles, mas que disse a sua mãe que ela pode voltar, mas “eu não posso, eu não vou” (sic). Nesse momento, Glen questiona a decisão da enteada afirmando que “você é ainda uma criança, não sabe o que quer, eu sou o seu pai e digo o que tem que fazer” (sic) e a menina segue negando. Glen continua tentando fazer com que Bone diga a Anney que voltará para casa “antes que eu fique bravo de verdade” (sic), porém, a menina rebate o padrasto dizendo que “prefiro morrer do que voltar a morar com você” (sic), pedindo para que ele vá embora da casa. Glen pega a menina no colo e a sacode bruscamente, depois a joga no chão e grita com ela, falando que Anney lhe ama e que voltará para ele. Depois, segura a cabeça da Bone e lhe ameaça, “se ela não voltar pra mim, eu mato você” (sic). Em seguida, ele dá um beijo na boca da criança, que tenta se desvencilhar do padrasto pegando um pedaço de madeira e batendo-o na barriga. Quando Glen a solta, ela sai correndo, mas ele lhe alcança, a agarra e lhe desfere um soco no rosto, que cai no chão. Com Bone no chão, Glen sobe em cima dela e lhe segura entre as pernas, lhe dá mais um tapa na cara e a pergunta “vai dizer não pra mim, é?” (sic), tirando suas calças e a estuprando.

DISCUSSÃO

Na presente discussão, as categorias um e dois serão discutidas conjuntamente, na medida em que os conceitos de compulsão à repetição e dependência estão inter-relacionados. Em seguida, a categoria três será abordada, tratando dos aspectos relacionados à violência doméstica.

De início, torna-se importante ressaltar que o filme escolhido é retratado na década de 50. Nesta época, um dos principais medos das mulheres era não conseguir um bom casamento, pois foram educadas e preparadas para desempenhar o papel de esposas e mães, de maneira que se entendia que esse era o destino natural das mulheres (Mittanck, 2017).

Neste sentido, no matrimônio, as atividades domésticas e o cuidar dos filhos eram atribuições exclusivas das esposas, já o esposo era responsável por pequenos reparos e consertos, visto que ele era considerado o chefe da família e detinha poder e domínio sobre a mulher e os filhos (Mittanck, 2017).

De acordo com a autora, um casamento harmonioso poderia durar para sempre e esse era o desejo das mulheres, visto que a sociedade não percebia com bons olhos as mulheres separadas, sendo, muitas vezes, “preferível um casamento infeliz, mas de fachada, a enfrentar preconceito e ser apontada pelos demais como incapaz e manter um casamento” (Mittanck, 2017, f. 08). Além disso, diante de alguns deslizes sexuais cometidos pelos homens, as esposas eram orientadas a perdoá-los, como forma de evitar o rompimento da união, que acabaria por condená-las perante à comunidade.

Levando em consideração o atravessamento cultural na organização da sociedade, pode-se observar que o comportamento de Anney, muitas vezes, foi de acatar as decisões do marido, como na cena A, em que ele decide se mudar de casa e ela apenas assente a decisão dele, mesmo sabendo que, assim, iria residir longe de seus familiares. Também é possível observar na cena B que, enquanto o marido é espancado pelos irmãos e cunhados de Anney, após descobrirem que ele agride Bone, ela, aos gritos, afirma que ele ama a ela e as filhas, e tenta se desvencilhar de suas irmãs, que a seguram, para ir ao encontro dele e salvá-lo, demonstrando certa conduta de dependência e conveniência com as atitudes dele. Na cena C, Bone é levada ao hospital por Anney após queixar-se de dor para caminhar. O médico identifica que a menina quebrou o cóccix e afirma à genitora que a lesão é proveniente de espancamento. Diante da acusação, Anney leva Bone embora, protegendo, novamente, seu marido.

Isso posto, pode-se supor que essas condutas visam encobrir uma necessidade de Anney em permanecer nesta união, uma vez que sua filha mais velha é fruto de um

relacionamento passageiro, seu segundo casamento findou-se com o falecimento do marido e, neste terceiro, ela luta para estruturar a família que almeja.

A partir deste ponto, torna-se necessário discorrer sobre como a compulsão à repetição pode ajudar na compreensão da necessidade de Anney em manter esses comportamentos diante dos seus companheiros amorosos.

Freud, a partir de 1920, propõe que o caráter compulsivo da repetição é uma expressão direta da pulsão de morte, portanto, todo trauma tende a ser repetido, independente do desprazer causado. Kleger e Macedo (2016) consideram que a proposta freudiana diz que em situações de intensa excitação, o aparelho psíquico não consegue associar os sentimentos e sensações produzidas por essa excitação, tornando a situação traumática. Logo, toda vez que essa ligação não ocorre, surge um espaço para a compulsão à repetição emergir, visto que o objetivo da repetição é conectar os sentimentos e sensações às ideias, por isso que ela existe mesmo causando desprazer.

Conde e Costa (2020) pontuam que o aparelho psíquico, na tentativa de organizar, destinar e simbolizar a energia solta, passa a repeti-lo, portanto, entende-se que o sujeito repete a ação, pois não consegue simbolizá-la, mas também a repete na tentativa de elaborar, assim, a estratégia é repetir até encontrá-la no real (Barbosa & Samico, 2019; Samico & Jorge, 2018).

O caráter compulsivo de Anney pode ser observado nas cenas D e E, pelo fato dela entrar em relacionamentos de forma imediatista, casando com os companheiros após pouco tempo juntos e engravidando logo em seguida. Assim, pode-se supor que o fato de buscar incessantemente a reversão da ilegitimidade da certidão de nascimento da sua filha, Bone, para que ela não sofra os impactos disso na vida adulta, Anney coloca-se em relações inadequadas e permanece nestas sem questionar o impacto que elas podem causar em si mesma ou em suas filhas, sendo possível identificar que ela também não leva em consideração as orientações de seus familiares, como demonstrado nas cenas F e G, em que sua mãe e seu irmão, respectivamente, tentam lhe alertar sobre o comportamento de seu marido.

A ausência de um registro paterno na certidão de nascimento também foi uma realidade vivenciada por Anney, sendo que, na cena H, ela conta para Bone que não a deixará sofrer a mesma discriminação que foi submetida. Por isso, é possível entender que Anney sofreu os impactos da ilegitimidade passivamente em sua infância e, agora na vida adulta, faz tentativas de elaboração de forma ativa, buscando encontrar um homem que possa assumir Bone, proporcionando a ela a possibilidade de ter uma figura paterna, que é algo que não teve.

Além disso, outro fato que possibilita ancorar a hipótese apresentada é que, tal como Freud (1920/1996) e Nasio (2014) defendem, as atitudes repetidas têm início em um trauma na vida infantil. Segundo Nasio (2014), um trauma ocorre por uma falta de simbolização de uma ou várias situações. Ele produz uma série de sentimentos contraditórios entre si e tende a voltar em ato no decorrer da vida do indivíduo. No filme, é possível compreender que a ilegitimidade, também vivenciada por Anney, gerou sofrimento, a partir da falta de simbolização.

Também é possível fazer algumas associações acerca das escolhas de Anney utilizando como prisma as escolhas objetais propostas por Freud, em 1914.

Neste sentido, Wobeto (2013) discorre que o lugar que o outro ocupa num relacionamento é determinado pelas necessidades narcísicas do sujeito que está amando, ou seja, tem como base seus investimentos libidinais que, de acordo com Freud (1914/2006), podem ser objetais ou do Eu. No primeiro caso, quanto mais investimento há no objeto, mais o Ego é esvaziado, tornando-o dependente do objeto, pois este ocupa um local de preenchimento na condição psíquica do sujeito, sendo que, desta forma, pode-se dizer que o objeto torna-se mais grandioso que o Eu. Em contrapartida, quando o que acontece é o oposto, condição na qual o sujeito volta-se para si como único objeto de amor, pode ocorrer um adoecimento devido aos poucos investimentos externos.

Assim, entende-se que o ideal é que se busque um equilíbrio entre os investimentos, o que, no filme, não acontece, pois é possível perceber que Anney é pouco voltada para si e procura no outro o reconhecimento que não possui de si mesma, podendo se perceber que sua busca é voltada para o que é socialmente aceito e ideal. Assim, quando sente-se minimamente protegida e amada, em função do elevado investimento da libido objetual, sua libido do Eu esgota-se, tornando-a dependente de seus companheiros.

Freud, em 1914, também vai enfatizar que a idealização do objeto de satisfação é definida a partir das condições infantis, na qual a cada vivência amorosa experienciada, ocorre uma remoção das repressões e uma reinstalação de características perversas constituintes do psiquismo. Estabelece-se, então, uma repetição da relação original, reafirmando o que havia escrito em 1905, quando pontuado que o encontro do objeto é um reencontro, pois, inconscientemente, o ser que ama reproduz suas experiências provenientes da relação primária (Freud, 1905/1996; Freud, 1914/2006; Wobeto, 2013).

Sendo assim, Freud, em 1914, identifica como ocorrem as escolhas objetais, separando-as em narcísicas e anaclíticas. O modelo para tais escolhas provém da primeira infância, na época em que a satisfação sexual e a nutrição estão interligadas, a partir do cuidado recebido e das necessidades básicas supridas. Como já enfatizado, o que ocorre na

vida adulta é um reencontro com um objeto perdido na infância, por isso que o discurso diante dos parceiros revela as necessidades do Eu, na tentativa de preencher faltas (Freud, 1914/2006; Wobeto, 2013).

Na escolha do tipo narcísico, a escolha do parceiro é feita pensando em si mesmo, no que se foi e no que se gostaria de ser, ou seja, ela não leva em consideração se o outro ama ou não (Freud, 1914/2006; Salles *et al.*, 2013). Já em 1931, Freud menciona que muitas mulheres têm a figura paterna como referência na escolha do objeto amoroso, contudo, há algumas que realizam tal escolha levando em consideração a relação que experienciaram com a mãe. Assim, a relação vivida entre mãe e filha na fase pré-edípica é retomada na vida adulta, na qual a mãe torna-se um modelo de como deve relacionar-se com o outro e não mais aquela com quem a menina se identifica.

Dessa forma, acompanhando a história de vida de Anney, é possível supor que a ausência paterna e a postura rígida e crítica de sua mãe influenciou diretamente a maneira como ela escolhe e se relaciona com seus companheiros. Diante da falta de proteção que é vivenciada, tende a aceitar qualquer tipo de atenção. Isso pode ser identificado na cena I, pois, como seu objetivo é casar-se e formar uma família, o pouco de amor recebido já seria o suficiente, portanto, é plausível considerar que Anney faz suas escolhas na perspectiva narcísica.

Por fim, a terceira categoria será discutida, buscando compreender os elementos de violência doméstica presentes no artefato cultural.

Por mais que a violência doméstica seja amplamente debatida e caracterizada na Lei 11.340/2006, também conhecida como Maria da Penha, como condutas que visam: causar dano emocional; prejudicar o pleno desenvolvimento da vítima; degradar ou controlar as ações, crenças, decisões e comportamentos de outro, utilizando de ameaça, humilhação, constrangimento, vigilância constante, etc.; diminuir a autoestima e limitar o direito de ir e vir (Brasil, 2006), o artefato cultural escolhido também apresenta como vítima uma criança. Portanto, cabe ressaltar a existência e a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ou Lei 8.069/1990, que prevê que é dever da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público garantir, com prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes. Bem como, é assegurado que nenhuma criança ou adolescente serão sujeitos a exploração, negligência, violência, discriminação, crueldade ou opressão (Brasil, 1990).

A partir deste entendimento, pode-se pensar que Anney foi submetida a situações de violência, a citar a cena J, em que seu marido a ameaça após ela aceitar ajuda financeira do

seu irmão. Também identifica-se que após o velório do seu filho natimorto, seu marido ordena que o núcleo familiar se mude de endereço, afastando-a de seus familiares, como retratado na cena K.

O filme também retrata claramente que Bone foi vítima de seu padrasto, seja por ser agredida fisicamente diversas vezes, como tratado na cena L, M e N, bem como foi violentada sexualmente pelo mesmo, como retratado pela cena O, quando o marido de Anney invade a casa que a menina está hospedada e a estupra.

Portanto, dado os fatos, e levando em consideração a época que se passa a história, é possível analisar que a violência contra a mulher é tolerada pela sociedade há anos devido à desigualdade de gênero, na qual, ao homem, é concedido o poder e a força e, à mulher, resta os atributos de fragilidade e submissão (Saffioti & Almeida, 1995; Silva *et al.*, 2009).

Considera-se, por fim, que seria importante estudos mais atuais sobre o entrelaçamento das três temáticas, na medida em que possa auxiliar na compreensão da perpetuação de comportamentos que tem um histórico de relacionamentos abusivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar possíveis contribuições do conceito da compulsão à repetição nas escolhas conjugais em situações de violência doméstica. Os objetivos específicos possibilitaram reunir conteúdos teóricos que serviram de base para a construção da compreensão da temática, aliado à elaboração de possíveis relações com a fonte da metodologia escolhida. Considerou-se importante abordar inicialmente os aspectos fundamentais da teoria psicanalítica abordando o entendimento dado por Freud para a compulsão à repetição, visando compreender as características e o funcionamento do sujeito atravessado por este fenômeno. Posteriormente buscou-se traçar possíveis relações desse conceito com influências na escolha do parceiro conjugal. Além disso, entendeu-se como pertinente também abordar a violência doméstica, ainda tão presente na sociedade. Finalmente, foi possível realizar o emparelhamento dos conteúdos reunidos na revisão bibliográfica com o artefato cultural, propondo possíveis interlocuções entre teoria e prática.

Foi possível identificar relações entre compulsão à repetição e sua influência na dinâmica da escolha do parceiro conjugal da mulher, uma vez que acaba por repetir ou permanecer em relações não saudáveis, prejudicando a si mesma e os que lhe cercam. Foi possível estender a discussão para o fenômeno da violência doméstica, que ainda é uma temática muito importante de ser debatida.

Sabe-se que as mulheres ainda são a parcela da sociedade mais suscetível a sofrer diversos tipos de violência, a citar a de gênero e a conjugal, que podem provocar o surgimento de traumas difíceis de serem revelados. Por isso, que torna-se tão importante a tentativa de compreensão da motivação das mulheres em entrarem e/ou permanecerem em relacionamentos abusivos, sendo que o artefato cultural escolhido, “Marcas do Silêncio” possibilitou a discussão do tema, retratando que a compulsão à repetição influencia esse tipo de relacionamento.

É possível afirmar que o presente trabalho atinge os objetivos propostos, considerando-se que houve uma argumentação isolada e, em seguida, a intersecção entre a compulsão à repetição, descrita por Freud, a escolha conjugal, dentro da perspectiva psicanalítica e cultural, e a violência doméstica. Foram apresentados trechos do filme escolhido que se relacionam com a teoria, que levaram a uma discussão envolvendo possíveis resoluções para o problema de pesquisa proposto.

Entende-se que esta temática está longe do seu esgotamento, em razão da imensidão de possibilidades que surgem da subjetividade de um indivíduo com uma compulsão à

repetição atuante, quanto ao seu funcionamento psíquico, as particularidades presentes em sua história individual, e o meio social e cultural que o atravessa. O presente trabalho foi elaborado com a certeza que o propósito jamais seria tentar o esgotamento ou a generalização, mas propor uma discussão sobre a influência que a compulsão à repetição pode ter na escolha do parceiro conjugal, principalmente em casos em que há violência doméstica, bem como oferecer possibilidades para novas investigações. As limitações da pesquisa são pautadas na restrição de tempo para a construção e nos instrumentos disponíveis, principalmente do artefato cultural escolhido, que retrata uma época distante, mas amenizadas pela oportunidade de disponibilizar contribuições para a Psicologia.

Isso posto, a pesquisa reconhece a importância de manter-se aberta para novas contribuições, possibilitando a criação de um espaço de reflexão, na qual se dialoga com as demandas do mundo contemporâneo. Nesse sentido, entende-se que a Psicologia possui recursos para investir no desenvolvimento de estudos sobre os três temas abordados e a combinação dos mesmos, com o objetivo de trazer maiores esclarecimentos e oportunizar uma atuação mais assertiva dos profissionais da Psicologia.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, K. M. S. & Samico, F. C. (2019). Um estudo metapsicológico sobre o conceito de pulsão de morte e sua articulação com a repetição. *Revista Mosaico*, 10(2), 48-54. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1833>.
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Brasília, DF.
- Brasil. (2006). *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Brasília, DF.
- Brasil. (2020) Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena [Internet]. *Brasil: Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH)*. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>.
- Campos, B., Tchalekian, B. & Paiva, V. (2020). Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempo de Sars-Cov-2/Covid-19 em São Paulo. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240336>.
- Conde, A. F. C. & Costa, P. J. (2020). Discussão sobre a inexorabilidade da compulsão à repetição. *Analytica*, 9(16), 1-14.
- Costa, A. M. M., Ferraz, M. A. L., & Ribeiro, V. N. F. (2013). O amor, o feminino e a escrita. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 29-38.
- Costa, J. F. (2003). *Violência e Psicanálise*. (3ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Dias, C. A., & Alves, J. M. (2020). Reflexões sobre a escolha da parceria conjugal. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 15(1). <https://doi.org/10.35919/rbsh.v15i1.515>.
- DiGiulio, A. (Produtora) & Huston, A. (Diretora). (1996). *Marcas do Silêncio* [Filme]. Estados Unidos: Showtime Networks.
- Echeverria, G. B. (2018). A violência psicológica contra a mulher: reconhecimento e visibilidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 4(1), 131-145.
- Eizirik, C. L. (2009). Pulsão, com pulsão, compulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 161-171.
- Fabeni, L., Souza, L.T.D., Lemos, L.B. & Oliveira, M.C.L.R. (2015). O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. *Revista do NUFEN*, 7(1), 32-47.
- Flick, U. (2009). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (J.E. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artmed.

- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. Edição Bilíngue. Autêntica: São Paulo. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2006) Recordar, Repetir e Elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006) Sexualidade feminina. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). Um caso de histeria, os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Fulgencio, L. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 15, 469-480.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª Ed). São Paulo: Atlas.
- Haack, K. R. & Falcke, D. (2020). Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade?. *Psico-USF*, 25(3), 425-437. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250303>.
- Jorge, M. A. C. (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Kegler, P. & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 48(1), 171-190.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trads.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lucchese, R., Caixeta, F.C., Silva, Y.V., Vera, I., De Felipe, R.L. & De Castro, P.A. (2017). Histórico de violência contra a mulher que vivencia o abuso de álcool e drogas. *Revista de Enfermagem*, 11 (Supl.9), 3623-3631.

- Mello, M. F. (2018). *Os impasses da psicanálise na civilização e na cultura*. Dissertação de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil. Acesso em <https://tede.pucsp.br/handle/handle/22099>.
- Melman, C. (2008). *A prática psicanalítica hoje – conferências*. (M. Pietroluongo, P. Glenadel, S. Morard & F. Tenório, Trads.). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.
- Meneghel, S. N., Mueller, B., Collaziol, M. E., & Quadros, M. M. D. (2013). Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 691-700.
- Ministério da Saúde. (2002). Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço. *Caderno de Atenção Básica*, (8), 17-22.
- Mittanck, V. A. (2017). As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. *Wolf, CS, Fáveri, M., & MP Grossi, M.(Eds)(Chairs), Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13° Women's Worlds Congress*. Florianópolis, Brasil.
- Nasio, J. D. (2013). *Por que repetimos os mesmos erros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pereira, I. D. S. A., & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em psicologia. *Psicologia em Estudo*, 18, 407-417.
- Ribeiro, C. G. & Coutinho, M. L. L. (2011). Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. *Psicologia e Saúde*, 3(1), 52-59.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saffioti, H.I.B.& Almeida, S.S. (1995). *Violência de Gênero: Poder e Impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Salles, A. C. T. C., Sanches, N. R. A., & Abras, R. M. G. (2013). Algumas características dos laços amorosos nos dias atuais. *Estudos de Psicanálise*, (40), 15-20.
- Samico, F. C. & Jorge, M. A. C. (2018). Do trauma à possibilidade de uma narrativa: notas sobre a psicanálise em um Batalhão de Polícia Militar. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(3), 568-588. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v21n3p568.9>.
- Schraiber, L. B., Oliveira, A. F. P. L. D'Ó., Couto, M.T. (2006). Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Revista de Saúde Pública*, 40, 112-120.
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A., B., et al., (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797-807.

- Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da " cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 27(3), 383-391.
- Silva, M. A., Falbo Neto G. H., & Cabral, J. E. F. (2009). Maus tratos na infância de mulheres vítimas de violência. *Psicologia em Estudo*, 14 (1), 121-127.
- Souto, F. I. M., Moreira, J. O., & Pena, B. F. (2018). As movimentações da ideia de repetição no texto freudiano: uma leitura cronológica. *Reverso*, 40(76), 47-54.
- Veiga, M. V. A. & Loyola, V. M. Z. (2020). Escolher é ser escolhida: meninice, pobreza e casamento infantil no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe18>.
- Vicentin, E. C. & Almeida, R. M. (2019). Pulsões de vida, pulsões de morte e compulsão à repetição. *Helleniká - Revista Cultural*, 1(1), 55-68.
- Vieira, P. R., Garcia, L. P. & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23. <https://doi.org/10.1590/1980-5497202000033>.
- Wobeto, E. M. D. S. (2013). *O feminino e a violência numa perspectiva psicanalítica*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Brasil.
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.